

COMPUTADORES QUE HABITAM E VISITAM A PEDRIATRIA: AFETOS E ESPACIALIDADES EM UMA BRINQUEDOTECA

Vanessa Ferraz Leite

Enfermeira, Mestre do pelo Programa de Pós-Graduação - Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/ UFMT
vanfaen@gmail.com

Dolores Galindo

Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP, Docente vinculada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado - Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/ UFMT
dolorescristinagomesgalindo@gmail.com

Apresentação

Este trabalho se insere no campo interdisciplinar dos estudos sociotécnicos, conhecido também como Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) caracterizados pela ênfase nas descrições de arranjos sociomateriais compostos por actantes humanos e não/ humanos (LAW, 1992; LATOUR, 2001; 2008; MOL, 2002) que, em se tratando do nosso estudo, traduzem-se em práticas de cuidado na educação em saúde.

O nosso objetivo se concentra em descrever os efeitos de arranjos sociotécnicos vinculados às ações de computadores no cuidado de crianças hospitalizadas via modulação de afetos e composição de espacialidades. Trata-se de recorte de pesquisa mais ampla desenvolvida, em nível de mestrado, intitulada “Tecnologias do cuidado no cotidiano: descrições sociotécnicas de computadores que habitam uma pediatria” (LEITE, 2012). As noções sobre “habitar” e “morar” que atrelamos aos computadores encarnam uma temporalidade topológica derivada de transformações em decorrência de estarem ligadas a uma estadia mais envolvente, com o estabelecimento de vínculos. Já a noção de “visita”, revela-se como uma relação sem vínculos, descompromissada, porém

capaz de transformar uma temporalidade topológica passageira (LATOUR, 2001). É neste sentido que temos computadores moradores e visitantes na Pediatria.

Conceituamos modulação de afetos como um efeito dos objetos sociotécnicos, ou seja, interferências emitidas pela relação entre humanos, ou entre humanos e não/humanos com potência para amenizar dor, angústia, assim como configurar situações de esforço físico, cansaço, mal-estar (DESEPRET, 2011). Por espacialidades entendemos os efeitos que modificam um local ou um momento, não precisando estar alocados entre quatro paredes (LÓPEZ, 2005). A brinquedoteca que é visitada e habitada pelos computadores de nosso estudo se caracteriza por ser aberta, pois extrapola os limites de espaços físicos e temporalidade linear (GALINDO et al, 2012).

Metodologia

O método desta pesquisa é proveniente de experimentações e vivências em campo. Latour (2008) adverte que o pesquisar é um processo cujos parâmetros não precedem a construção da metodologia, pois este segue um percurso próprio. Um processo metodológico exige esforços do pesquisador, por isso, adotamos a noção de artífice (SENNETT, 2009), a qual cobra habilidade para imprimir imagens através de palavras e, que entendamos que o ato de fazer concebe o ato de pensar.

Adotamos a praxiografia (MOL, 2002) como maneira de investigarmos, uma concepção do tipo etnográfica que enfatiza os diversos desempenhos das Práticas de cuidado no cotidiano. Ela supõe o pesquisador transitando pelos espaços em estudo, participando de atividades, conversando com as pessoas que por ali circulam e descrevendo as práticas do local que lhe chamou atenção. Acompanhando as práticas e seus efeitos. Aliando a Praxiografia ao recurso dos incidentes críticos-mosaicos, definimos que é aquilo que descrevemos não é representativo de uma série maior de eventos. São entendidos como eventos-chave que podem ilustrar aspectos que se deseja investigar, possibilitando micro-análises de determinadas práticas. Descrevemos pontos de acesso a arranjos – “instantâneos” de modulações –, pois, de outra maneira, suporíamos uma concepção realista acerca da produção de conhecimento (GALINDO, 2002; GALINDO et al, 2009; LEITE, 2012).

As tecnologias do cuidado podem ser e/ou permear o manuseio hábil de certas técnicas, como as artes mínimas de lidar com um curativo, desde que busquemos nessas as suas múltiplas performances, bem como as entidades que contribuem para compor tais tecnologias (LEITE, 2012). Entretanto, por consequência do ranço iluminista, estas são frequentemente consideradas meras técnicas que lidam com as fraquezas, escórias humanas, com a estabilização ou reabilitação ao invés da cura: “objetos” não dignos de cientificidade (MOL; MOSER; POLS, 2010).

Desenvolvimento

O Cuidado na Prática, topologicamente localizado no laboratório de informática de uma brinquedoteca, estende-se de maneira a produzir efeitos não restritos a limites espaciais (GALINDO et al, 2012), permitindo-nos refletir sobre como os objetos sociotécnicos e arranjos de cuidado compõem tecnologias do cuidado. Conduzindo-nos a pensar de modo não/ antropocêntrico sobre estas, uma vez que a distinção entre humanos e não/humanos é apenas uma das formas de falar sobre complexificações em cuidado (LAW & MOL, 2002).

Para este trabalho, selecionamos dois incidentes referentes às espacialidades e modulação de afetos, respectivamente. O primeiro alude à “dança do cuidado” entre Carlos (criança) e computadores, em destaque as espacialidades: biossegurança e lúdica. E, o segundo atinente à relação menino Matheus e *notebook*, que revelou contentamento e motivação como modulações de afetos.

Incidente-mosaico I: Dançando o cuidado na visita a um computador residente na brinquedoteca

Uma criança brincando no computador parece uma coisa comum. Basta ter um computador e uma criança interessada em brincar. Pronto! Aparentemente é simples! Entretanto, aproximando-nos das minúcias da relação criança hospitalizada - computador, notamos que tal simplicidade é, ao mesmo tempo, complexa (LAW & MOL, 2002). Deparamo-nos com um par de dançarinos exigente. A cada movimento, novas espacialidades (LÓPEZ, 2005), bem como novos integrantes para compor a “dança do cuidado”.

Carlos, era uma criança de 8 anos, ansiava brincar no computador. A princípio um convite para lavagem das mãos. Carlos e seu pai foram até pia da brinquedoteca: sob

água corrente, friccionaram as mãos por mais de 40 segundos com sabão líquido, seguido de secagem com papel toalha. Depois voltamos para o computador. Mãos pequenas sobre teclado e mouse, este aparentemente feito para Carlos, pois também era diminuto. A mão que toca o mouse trouxe para dança um acesso venoso periférico imobilizado com uma tala. E, sobre a cadeira de escritório, perninhas e pés descalços dançavam no ar. Ao lado, seu pai, que permaneceu após nosso convite. E, enquanto o pai aguardava sua esposa chegar, perguntou- nos se ele podia acessar internet. Consentimos. Enfatizarmos quanto não abrir sites inapropriados. Não demorou e a mãe do menino chegou. Logo o pai se despediu (incidente-mosaico).

No incidente descrito, um dos computadores dispara múltiplos vínculos transformadores, que humanizam via artefactualidades. Um deles foi a orientação de como e onde fazer antisepsia das mãos. Sendo assim, temo espacialidades de biossegurança como efeito que demarca os lugares por onde andam os arranjos dos computadores, ao passo que torna o laboratório seguro e habitável (SCHILLMEIER & DOMÈNECH, 2009).

Quando Carlos optou voltar para sua cama, a dança começou a se desfazer. E, com ela, remodelações para esse desfecho. Compressas usadas na desinfecção dos computadores foram para o *hamper* (armazenador de roupas sujas) das enfermarias. Computadores limpos. Materiais da sala guardados. Lavagem das mãos efetuada. Criança no colo da mãe volta para o quarto, para dançar com outras materialidades de cuidado, como oxigênio, cateter, superfície da cama, extensão de borracha, etc. (incidente-mosaico).

Espacialidades de biossegurança são acrescidas de uma dimensão afetiva que conduz ao entretenimento, instaurando espacialidades lúdicas da dança que envolve bailarinos humanos e não humanos. Na “dança do cuidado” que acontece na brinquedoteca, o bailado prossegue cada vez mais esmaecido pela enfermaria até se perder como registro de um procedimento rotineiro.

Incidente II: Que tal brincar de fazer *pizza* no computador? Atividades no computador móvel e modulação de afetos

Via internet, tudo é possível, inclusive, aquilo que não é recomendável nos protocolos de atendimento. Nos joguinhos de “faz de conta”, uma criança com doença renal crônica pede à educadora para fazer uma *pizza* com condimentos que deseja sem as regulações impostas pela patologia. Concomitantemente, a educadora atua na

estimação das consequências do consumo de tais temperos no cotidiano. Mas, mesmo no jogo caberia controlar? Ou, na simulação, permitimos os prazeres provenientes da ingesta de sal? Apostamos na segunda possibilidade, no jogo que libera o consumo de sal que se deseja, pois fora dele seria diferente. Havendo também na ingesta, o controle de outros prazeres.

A mãe de Matheus nos contou que o episódio da *pizza* desencadeou afetações (DESPRET, 2011) de contentamento nela, assim como motivou o menino a encarar sua condição de saúde. Já que o joguinho se mostrou cúmplice, e mais, ajudou a saciar vontades, inclusive a Matheus encarar a impossibilidade consumir sal, já que brinca com o assunto.

O Matheus virou um *pizzaolo* de mão cheia no computador (risos)! Isso é importante porque uma das dificuldades que ele teve no tratamento foi aceitar a comida sem sal. [...] lembro da enfermeira Tamires falando para Matheus nem imaginar em sal, pois poderia inchar. E, a brincadeira de fazer *pizza* é legal, porque, ao invés dele realmente querer mais sal, ajudou-o a entender que ali no computador ele podia simplesmente pensar no sal, mas que no seu prato de comida o limão poderia substituir (dicas da enfermagem e da nutrição). [...] jogando, ele fazia questão de provocar a enfermeira Tamires e eu, dizendo que estava fazendo pizzas com tudo o que tinha direito, inclusive sal. Muito engraçado. Ah, também me lembro do Matheus respondendo os comentários da Tamires, dizendo: “- mas aqui no computador eu posso!”. Divertíamos e soltávamos gargalhadas com Matheus (incidente mosaico).

O “faz de conta” nos permitiu pensar sobre conceitos que separam tecnologias do cuidado em saúde em leves, leve-duras e duras (MERHY et al, 2007) ou as diferenciam em níveis de complexidade (ALVES; DESLANDES; MITRE, 2009). Entretanto, as modulações de afetos da relação *notebook* e criança se declararam artefactualidades que humanizam, conforme as performances (LAW & MOL, 2002) dos objetos sociotécnicos que às compunham. Portanto, práticas aparentemente insignificantes (GALINDO et. al, 2009) são tecnologias.

Resultados Alcançados

Nos incidentes comentados, os computadores que habitam e visitam a brinquedoteca, ao se relacionarem, compõem efeitos de reordenações de espaços e modulações de afetos, que materializam humanização em saúde.

A educação em saúde na dimensão sociotécnica contribui para reflexão sobre o cuidado atravessado por objetos e técnicas, incorporando-se a uma preocupação largamente presente na enfermagem que concerne simultaneamente ao incremento do cuidado na vida diária da pediatria e à garantia de direitos das crianças hospitalizadas.

Referências

ALVES, C. A.; DESLANDES, S. F.; MITRE, R. M. A. Desafios da humanização no contexto do cuidado da enfermagem pediátrica de média e alta complexidade. **Interface (Botucatu)** [online], v.13, suppl.1, p. 581-594, 2009. ISSN 1414-3283. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v13s1/a10v13s1.pdf> Acesso em: 10 jun. 2010.

DESPRET, V. As ciências da emoção estão impregnadas de política? Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23 – n. 1, p. 29-42, Jan./Abr. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/647/495> Acesso em 19 maio 2011.

GALINDO, D. C. G. Dados científicos como argumento: o caso da redução de parceiros sexuais em AIDS. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

GALINDO, D.C.G et al. Materialidades, ordenações e fluidez em torno dos refugos urbanos. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 31, ago. – dez. 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1087/911> Acesso em: 10 jun. 2010.

GALINDO, D.; SALGADO, R. ; LEMOS-DE-SOUZA, L. ; MOURA, M. . Trocas geracionais: o que pode uma brinquedoteca universitária?. In: Daniela Freire; Jader Lopes. (Org.). Infância e crianças: lugares em diálogo. 1 ed. Cuiabá: EdUFMT, 2012 (no prelo).

LATOUR, B. Um coletivo de humanos e não-humanos: no labirinto de Dédalo **In: A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**, Bauru, SP: EDUSC. 2001.

_____. **Reensamblar lo social:** una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Editorial Manantial, 2008.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. **Systems Practice**., n. 5, p. 379-393. 1992. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf> Acesso em: 13 ago. 2010.

LAW, J. ; MOL, A. A introduction. 2002. In: MOL, A; LAW, J. **Complexities:** social studies of knowledge practices. Duke: University Press. 2002.

LEITE, V. F. Tecnologias do cuidado no cotidiano: descrições sociotécnicas de computadores que habitam uma pediatria. . Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2012.

LÓPEZ, D. Aplicación de la teoría del actor red al análisis espacial de un servicio de teleasistencia domiciliaria. **Madrid: Revista de Antropología Iberoamericana**, 7p. Electrónica nº Especial. Noviembre-Diciembre 2005. ISSN: 1578-9705. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/44nov/articulos/nov0508.pdf> Acesso em: 19 dez. 2010.

MERHY E.E et al. Em busca de ferramentas analisadoras das Tecnologias em Saúde: a informação e o dia a dia de um serviço, interrogando e gerindo trabalho em saúde. In: MERHY, E.E; ONOCKO, R, organizadores. Agir em Saúde: um desafio para o público. 3a ed. São Paulo (SP): **Hucitec**; 2007. p. 113 - 150.

MOL, A. **The body multiple:** ontology in medical practice. Duham and London: Duke University Press, 2002. 196 p.

MOL, A.; MOSER; I.; POLS, J. Care: putting practice into theory. In: **Care in Practice on tinkering in Clinics, Homes and Farm**. Bielefeld: Transcript Verlag. 2010.

SCHILLMEIER, M.; DOMÈNECH, M. **Care and the Art of Dwelling: Bodies, Technologies, and Home.** Space and Culture 2009. <http://sac.sagepub.com/content/12/3/288> Downloaded from sac.sagepub.com at CAPES on January 31, 2011.

SENNETT, R. **O artífice.** Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009. 360p.